

Marxismo e antropologia da técnica

Francisco Rüdiger

I Doutor em Ciências Sociais (USP) e Professor-titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em 2004, publicou Introdução às teorias da cibercultura (Editora Sulina). Email: frudiger@pucrs.br

Álvaro Vieira Pinto tornou-se personagem de destaque na vida intelectual de nosso país ao assumir a chefia do Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), na II metade dos anos 1950. Homem de várias especialidades: economia, filosofia, demografia e educação, para citar algumas, o pensador exilou-se com a tomada do poder pelos militares em 1964, primeiro na Iugoslávia, depois no Chile. Retornando ao Brasil, faleceu em 1987, deixando inédito um extenso manuscrito, que agora se publica com o título de “ O Conceito de Tecnologia ”, concluído em 1973.

Creemos que se trata de obra merecedora de atenção, apesar de muito datada em vários pontos: enquanto a reflexão filosófica parece que não perdeu sua atualidade, não se pode dizer o mesmo dos propósitos que a moveram. Vieira Pinto desenvolve suas observações sobre a técnica seguindo uma perspectiva terceiro-mundista que se tornou problemática, senão obsoleta, com a marcha da história. Em 1973, ainda parecia

“necessário colocar o exame do problema da tecnologia e suas relações com a pesquisa científica no campo das condições históricas do desenvolvimento de uma sociedade” (p. 317).

Atualmente, o socialismo não está mais na agenda política contemporânea, e muito menos a causa da emancipação nacional. Vivemos em tempos de globalização econômica e de conflitos civilizacionais, ainda que movidos por fatores políticos e geoeconômicos. Por isso, tendem a certo patetismo as pretensões do autor em revisar os fundamentos da cibernética, com o objetivo de pô-la a serviço da libertação nacional e popular do jugo burguês e imperialista, que volta e meia surge no volume II.

Compreendendo mais de mil páginas em formato maior, a obra se divide, como notado, em dois volumes. O primeiro tem um sentido mais amplo e prepara a análise mais específica, empreendida no segundo. Aquele consiste num esclarecimento materialista e dialético da questão da técnica, destinando-se à exploração do potencial contido no que se chamava então de nova ciência da cibernética, examinada no segundo tomo.

“O enquadramento da cibernética em seu fundamento dialético, único que lhe confere inteligibilidade, não parece, a julgar pelas amostras, poder ser feito pelos cibernéticos profissionais, mas deverá ser obra dos lógicos dialéticos” (p. 522)

Para o autor, a tecnologia cibernética significa a base de um novo humanismo, capaz de livrar o homem do “imemorial penar físico e mental”, supondo o desenvolvimento do progresso pela criação de máquinas produtivas, especialmente as de nova espécie, as que se incumbem das regulações e do controle, funções até agora privativas da fisiologia cerebral” (p. 433).

Gostaríamos no que segue de comentar alguns pontos do primeiro volume, deixando de lado as passagens que julgamos ultrapassadas pelo tempo, visto não serem de pouca relevância as proposições lá externadas para aqueles

que desejam discutir um tema, todavia de atualidade cada vez mais evidente ao público pensador de cultura: o esclarecimento do conceito de tecnologia.

Vieira Pinto parte do princípio de que esse é o de ciência da técnica, e de que a tecnologia é, em última instância, “a teoria de um fato biológico” (p. 246). A técnica pode e deve ser objeto de uma ciência, ainda em formação, mas de cujos fundamentos filosóficos ou reflexivos já se pode fazer exposição racional (p. 221). O autor situa o problema em termos antropológicos materialistas, abrindo combate contra os ideólogos que promovem a técnica com objetivos mistificadores e propagandísticos, tanto quanto os que a condenam com objetivos reacionários e obscurantistas.

Pretensões como as que sustenta Gilbert Hottois, segundo quem a máquina formará um novo reino, no qual não haverá lugar para o humano, são inconcebíveis, a não ser como mistificação ideológica ou mesmo propagandística. Para Vieira Pinto, o humano detém primazia sobre a técnica, a inventividade que lhe é própria está na origem de todo o maquinismo, inclusive no mais formidável melhoramento cibernético, “pois a máquina supostamente criadora só o é daquilo que seu artífice humano determina que seja” (p. 527).

151

O ponto de vista do autor é do pensador engajado na movimento de emancipação nacional e modernização institucional dos países subalternos na cadeia imperialista. A premissa é a de que se

“impõe o desenvolvimento da compreensão da realidade com o predomínio das categoriais dialéticas do pensar crítico, que culminará na verdadeira interpretação da técnica” (p. 346).

Vieira Pinto refere-se ao homem, mas embora não faça disso cavalo-de-batalha, está claro que se trata do homem como ser social, embora não só, veremos, e não como indivíduo abstrato, figura da ideologia burguesa.

“O homem que se fez por si, examinado com rigor científico, revela ser na verdade aquele que se fez pelos outros, mas teve a habilidade de transformar-se a si próprio em conceito ideológico” (p. 305).

Quando o autor fala em homem relativamente à técnica, afirma, na verdade, que “a sociedade é o sujeito que domina a tecnologia” (p. 345).

Posto isso, o filósofo crê que os tecnocratas futuristas, cada vez mais inclinados à futurologia, celebram a técnica para impedir sua apropriação autônoma ou impedir seu desenvolvimento por parte das nações atrasadas. Os humanistas retrógrados a condenam pelas mesmas razões, ainda de forma inversa, ao promoverem o elogio dos estágios mais atrasados da vida social e conferirem um tom apocalíptico ao seu desenvolvimento.

Para o autor, a técnica é um fator de progresso, em que pese seu enredamento com a dominação de classe e a exploração econômica da massa da população. A técnica “significa em princípio enriquecimento e melhora da

espécie ao dotá-la de maior poder produtivo” (p. 169). A técnica precisa, sim, ser analisada criticamente, mas esse exame não pode se basear na sua prévia condenação. Em última instância, a técnica pertence à natureza humana e, como tal, precisa apenas ser posta a serviço de nossa emancipação social e bem-estar individual por uma práxis efetivamente transformadora.

“Em nenhum momento, os computadores e as máquinas cibernéticas mais complexas [...] se desligam do homem, mesmo quando supostamente parecem gerar os próprios modelos de ação” (p. 201).

O postulado do primado da técnica sobre o homem é correlato ao do elogio abstrato do homem: ambos são enunciados carentes de esclarecimento filosófico. A propaganda da técnica não é menos alienante do que sua rejeição: ambas são atitudes ideológicas, que não se mostram capazes de capturar a essência e sentido do fenômeno. Sinal disso seria a referência à expressão “era da técnica”, que tanto uns quanto os outros empregam. A correta compreensão do tema revela que não estamos numa suposta “era da técnica”, a não ser no sentido de que toda a história humana é a do seu desenvolvimento.

A civilização maquinística não deve ser endeusada, nem repudiada, mas vista criticamente como função do desenvolvimento histórico da humanidade.

“A máquina, assim como a técnica, é coetânea ao homem. Representa uma das manifestações do processo de criação do homem por si mesmo. São ambas resultados da evolução que desenvolveu nesta espécie o sistema nervoso” (p. 54).

A passagem reitera a anterior, mas traz ênfase em ponto de discussão filosófica, a referência biológica, que cabe examinar mais detalhadamente.

Segundo o autor, a filosofia da técnica precisa se basear no entendimento de nossa relação com a natureza, no modo de produção da sociedade, o que significa procurar seus fundamentos no materialismo histórico dialético. A técnica não é uma força em si mesma mas mediada por todas as demais que definem a relação do homem com a natureza. O verdadeiro fundamento da vida humana não é a técnica mas as relações que ele, como coletivo, entretém com suas condições naturais e históricas de existência.

Contra um marxismo degradado, ele afirma que as forças produtivas, ou técnica, “não são de modo algum o fundamento, e muito menos o motor, do processo produtivo” (p. 156). A técnica relaciona-se com nossa capacidade de pensar e, portanto, é apenas mediação abstrata e imponderável de nossos atos. A pretendida submissão do homem à técnica, temida por tantos, é uma falácia, porque ambos se determinam reciprocamente. O problema da sujeição humana via técnica, que não é oculto, se origina do modo como técnica e homem se inserem nas relações sociais de produção, depende do regime social criado pelos homens em sua história (p. 164).

A técnica é parte de um projeto pelo qual o homem transforma a natureza e se lança na história: é nele que

“encontramos o fundamento para empreender a reflexão que lhe busca interpretar o significado da máquina, suas qualidades intrínsecas e limites” (p. 73).

Creemos que como poucas esta obra é reveladora dos méritos e limites da abordagem marxista, conforme se pode avaliar comentando a passagem seguinte. Segundo Vieira Pinto:

“A máquina cibernética manifesta apenas a etapa atual do avanço das exigências da comunicação social” e, essa, em última instância, do ponto de vista ontogenético, está ligada “à fisiologia do sistema nervoso em toda a série animal” (p.97).

Aparentemente cristalina e inquestionável, essa proposição esconde um reducionismo da técnica ao fator orgânico que nenhuma concessão ou referência à influência do fator ideal e à dinâmica social e histórica podem redimir. O conhecimento do qual ela é manifestação, vendo bem, não seria um fato biológico, como se pretende. A técnica possui um substrato natural mas também uma dimensão a ele irredutível, de natureza imaginária, criadora e metafísica. Os engenhos surgidos por meio de sua intervenção não podem ser remontados apenas ao trabalho material e ao emprego da racionalidade instrumental (p.115).

Afirmar que ao homem está destinada a capacidade de fundir as possibilidades objetivas da natureza com a racionalidade subjetiva de nossa existência é pura petição de princípios, cujo caráter é imaginário, em vez de ser experimental e, portanto, científico. A técnica constitui, concordamos, uma propriedade inerente ao modo de ser humano, se o aceitarmos como um dado de sociologia formal. Porém, trata-se de propriedade que não é necessariamente dele apenas - pode haver outros seres racionais em algum lugar do universo, e essa propriedade não é puramente racional, parece-nos importante que se acrescente.

A capacidade de invenção que o autor registra muita bem em relação à técnica não é algo técnico; isto é, fruto da adequação da capacidade de raciocínio às possibilidades objetivas contidas na natureza (p. 136). A técnica não é função apenas do ajustamento da racionalidade objetiva da natureza com a racionalidade subjetiva do homem, salvo se, como afinal o faz o autor, a tornarmos uma competência biológica da espécie (p. 245). A bomba atômica sem dúvida carrega essa perspectiva, mas não é inteligível sem o imaginário da completa destruição do inimigo, algo que seria impensável entre os primitivos, por exemplo, se levarmos a sério pesquisas como a de Pierre Clastres.

“A técnica tem de ser apreendida de dentro do processo biológico” (p. 155-156), sim, mas não só; não é apenas esse plano que define originariamente a existência, a relação do homem como o mundo, exceto tomando-se como base a concepção cientificista que se impôs modernamente. A categoria de mundo é metafísica, ao envolver o plano do significado, algo em si mesmo simbólico e imaterial. A postulação de que se poderia derivar as idéias abstratas e a invenção imaginativa do substrato biológico é simples postulação filosófica, pelo menos até que se prove o contrário experimentalmente.

Vieira Pinto tangencia a tese, fazendo notar que a técnica pertence à “história natural da cultura”, serve de divisor dialético entre cultura e natureza. O homem não faz contato com o mundo “apenas pela percepção, mas pela formação da imaginação”. Porém, restringe essa à “categoria de idéia geral” (p. 165). O filósofo salienta que a técnica não é uma coisa, mas saber ou conhecimento, lembrando bem que ela já está em ato até na linguagem.

“Deve-se compreender que no curso do desenvolvimento das máquinas o que efetivamente se está observando é o movimento da razão humana” (p. 470).

Porém, o autor não chega a perceber que, conforme a linguagem mesmo o indica, nenhum artefato técnico se reduz a essa dimensão instrumental. A linguagem jamais é puramente técnica, contendo em si um elemento poético e irracional irreduzível. Por isso, parece-nos difícil crer que

“a construção dos servomotores e órgãos automáticos de controle, hoje aplicados à indústria, representa a mais recente expansão do sistema nervoso humano” (p. 203).

O homem é mais do que a técnica e, assim, essa não pode ser entendida apenas “em função dos procedimentos e métodos que emprega ou das máquinas e aparelhos que consubstanciam operações” (p. 191). O problema todo é saber o que é esse homem que transcende e, assim, dá essência ou sentido à técnica, o que é esse “plus” que abre à ação a chance de adquirir cunho técnico. A circunstância do autor não explorar essa interrogação sugere que ele se contenta em referir as “finalidades do homem” ao seu substrato biológico e à luta pela sobrevivência em condições naturais mediadas social e historicamente (na medida em que “é a sociedade que, graças à cultura acumulada, inventa as técnicas possíveis a cada momento”, p. 285).

Para o autor, parece impossível pensar no fim do trabalho, categoria que pouco aparece em seu texto, substituída que é pelo termo técnica - sintomaticamente. “A razão define [socialmente] o aspecto da propriedade humana de pensar que gera, prescreve e dirige a produção” (p. 484). Quem racionaliza não é a técnica, mas o homem – o que é porém o homem, entendido como ser ao mesmo tempo natural e social?

Vieira Pinto recorre ao conceito de idéia para dar conta da “capacidade inventiva”, que não se reduz “a uma forma superior de automatismo biológico” (p. 485). Porém, a capacidade de formá-las é entendida como simples faculdade nervosa superior, e seu conteúdo como sendo puramente abstrato e racional (p. 488). Resumidamente, o pensamento tende a ser visto como um plano que meramente reflete as conexões objetivas.

Marx mesmo notara já que o homem é telos, e não origem. O homem não é criador, mas criatura das relações sociais. O sujeito, no sentido do que está na raiz, é a coletividade. Nesse sentido, conviria ver que o homem não é pressuposto, mas apenas uma figura histórica. O emprego de uma terminologia mais neutra (coletividade, por exemplo) poderia servir de bom antídoto contra a reificação do que se define como projeto histórico, e não como dado natural.

Diferentemente de Heidegger, o filósofo por outro lado recusa-se a pensar que, não a técnica, mas o seu sentido “é um dado recebido de fora, um acréscimo, um dom outorgado ao homem” (p. 192). Contra a visão do alemão, defende que a técnica é, em essência, a-histórica: inclusive o feiticeiro dos tempos arcaicos praticaria uma técnica, no ponto de vista de Vieira Pinto. Vendo bem, isto é, em termos histórico-naturais, a magia seria “a única técnica possível nas condições em que floresceu” (p. 194).

O autor tende a reduzir o problema da técnica como ideologia ao das visões filosóficas por ele criticadas. A mistificação da tecnologia, qualquer que seja a atitude, coincide com a ideologização da técnica. A técnica mesma parece estar a salvo desse problema. “Nenhuma técnica é boa ou má”, ele chega a escrever (p. 347). O preço dessa operação puramente analítica é conectá-la sinteticamente à ciência, apenas inclusive. Em última instância, sentencia, “a técnica sempre foi científica, no estado em que era possível a ciência em cada época” (p. 290).

O pensamento da técnica, a tecnologia ou razão técnica (p. 361), como ele a chama, contrariamente é sempre ideológico, em alguma medida, visto que consiste

“numa determinada concepção do significado e do valor das ações humanas, do modo social de realizarem-se, das relações do trabalhador com o produto ou o ato acabado” (p. 320-321)

A técnica em si mesma não seria ideologia: essa se conectaria a ela porque aquela sempre se insere em um contexto histórico, sempre é usada de acordo com certas finalidades não técnicas. “O exercício social da técnica estabelece o fundamento do inevitável caráter ideológico da tecnologia” (p. 321).

Concordando com a hipótese de Heidegger, vilipendiado por ele ao longo do trabalho, o brasileiro sustenta bem que homem e técnica se codeterminam originariamente mas, divergindo, o faz num sentido naturalista e,

portanto, unilateralmente moderno.

A essência da técnica se revela no progresso do sistema nervoso dos processos biológicos, é uma propriedade originada no nosso corpo natural.

“A capacidade de estabelecer sobre a função de representação dos objetos do mundo exterior, possuidora por todo animal, uma outra espécie de representação, a que se refere à primeira, institui, mediante a linguagem, surgida como correlato desse salto fisiológico, a base da generalização dos sinais identificadores dos corpos para o ser vivo em processo de hominização” (p. 198).

Vieira Pinto defende com razão que, sendo mediação, a técnica não pode ser entendida apenas pela história de suas criações ou artefatos. A reflexão filosófica é necessária, mas podemos nos perguntar se uma concepção dialética determinada em termos positivos é o bastante. A filosofia da técnica faria bem em levar em conta as transformações no modo de produção das condições materiais de vida mas, em última análise, é pura petição formal e circular afirmar que

“os homens nada criam, nada inventam nem fabricam que não seja expressão de suas necessidades , tendo de resolver as contradições com a realidade” (p. 49).

156

Relativamente à técnica ainda há muito o que esclarecer, visto que a ela está ligado cada vez mais intrinsecamente nosso destino como coletivo de seres inteligíveis. Por isso mesmo, fará bem em ler a obra resenhada quem quer que se interesse em refletir de forma crítica sobre a questão ou pretenda iniciar sua discussão em patamar intelectual realmente elevado .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álvaro Vieira Pinto: O Conceito de tecnologia . 2 vols. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004

